

Fusão de Penguin e Random House cria editora de € 3 bi

Empresa, que terá 53% nas mãos da alemã Bertelsmann e 47% com a britânica Pearson, nasce com 25% do mercado de livros britânico

Jamil Chade

CORRESPONDENTE / GENEBRA

Para enfrentar gigantes como Amazon, livros eletrônicos e uma verdadeira revolução no mercado, nasce a maior editora de livros do mundo. Ontem, a alemã Bertelsmann anunciou que sua editora, a Random House, e a Penguin Group, da empresa britânica Pearson, chegaram a um acordo de fusão. A nova empresa terá como meta realizar uma ofensiva sobre o mercado global. Brasil, Índia e China estão entre as prioridades do grupo.

Com um volume de negócios que chega a € 3 bilhões e autores como Dan Brown, Toni Morrison, John Grisham e Patricia Cornwell em suas coleções, o acordo abre caminho ainda para uma consolidação no mercado de livros, justamente num momento de definição para muitas editoras. Só a Random House conta com 45 subeditoras, que colocam no mercado cerca de 200 livros por mês.

Segundo analistas, os tradicionais livreiros estariam enfrentando dois desafios paralelos. O primeiro é a quebra de dezenas de redes de livrarias, já que parte das vendas se transferiu para a internet.

O outro desafio é o fato de redes de vendas pela internet, como a gigante americana Amazon, terem acumulado amplos poderes para negociar margens, deixando editoras com uma participação menor nos lucros das vendas.

Pelo acordo, a Pearson – que também é dona do jornal britânico *Financial Times* – fica com 47% da nova empresa, enquanto a fatia restante de 53% fica com a Bertelsmann, empresa que já era uma das maiores do mundo, proprietária de tevê e, agora, dona de uma carteira de títulos que corresponde a 25% dos livros

que se vendem no Reino Unido. O atual chefe da Random House, o alemão Markus Dohle, assumirá o cargo de CEO do novo grupo, que deixou claro que investidas na América Latina, China e Índia estão entre as prioridades.

Outra meta é a de entrar com força no mundo digital, hoje controlado por Google, Amazon e Apple, que redesenharam o mapa da indústria editorial no mundo e colocaram empresas centenárias em sérias dificuldades. A própria Pearson registrou um crescimento decepcionante de seus lucros nos primeiros nove meses do ano. “A união de esforços permitirá a publicação mais eficiente entre formatos tradicionais e novos formatos e redes

● Novos formatos

MARJORIE SCARDINO

CEO DA PEARSON

“A fusão permitirá divisão de custos e investimentos para tentar novos modelos no mundo excitante de livros digitais.”

THOMAS RABE

CEO DA BERTELSMANN

“A união permitirá a publicação mais eficiente entre formatos tradicionais e novos formatos.”

de distribuição”, declarou Thomas Rabe, CEO da Bertelsmann, numa referência à internet.

Com a fusão entre a Random House e a Penguin, o objetivo será colocar livros no mercado a custos mais baixos. Hoje, a Random House já é a maior editora do mundo e a Penguin ocupa a quarta posição.

Marjorie Scardino, CEO da Pearson, foi mais direta: segundo ela, a fusão “permitirá uma divisão dos custos e mais investimentos para tentar novos modelos nesse mundo excitante dos livros digitais e leitores digitais”. Para John Makinson, presidente da Penguin, o mundo editorial vive “dias de transformação”. “A parceria vai posicionar a Penguin Random House na vanguarda dessa mudança”, prometeu.

Murdoch. A fusão foi anunciada depois que jornais ingleses relataram, no fim de semana, que a News Corp., que controla a editora HarperCollins, teria oferecido um acordo para comprar a Pearson. O acordo com a empresa alemã, portanto, seria um resposta à oferta do bilionário Rupert Murdoch, controlador da News Corp. A nova editora só ganhará vida no segundo semestre de 2013, depois da aprovação de agências regulatórias.

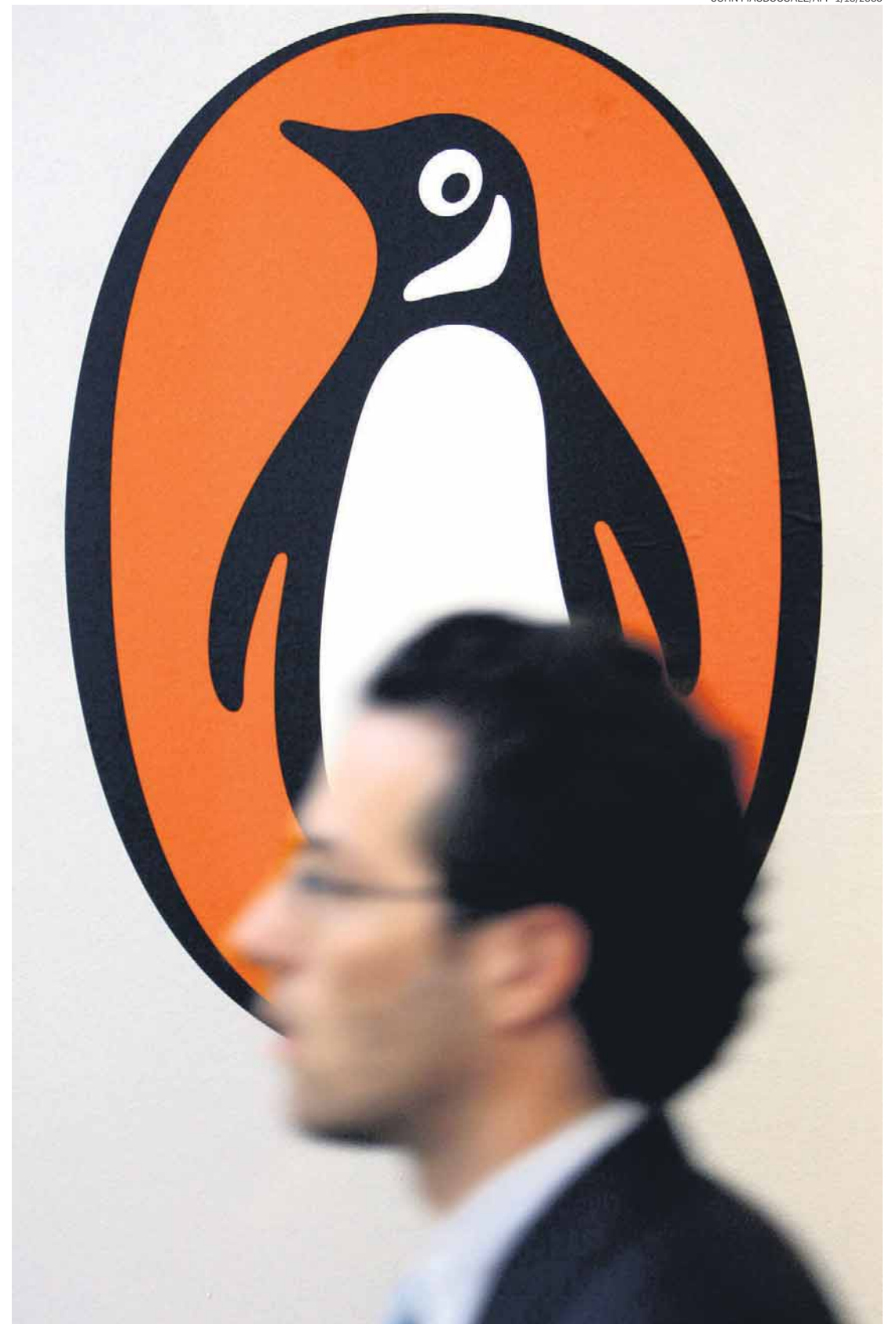
União pode beneficiar a Companhia das Letras

Maria Fernanda Rodrigues

A Penguin, que acaba de anunciar sua fusão com a Random House, colocou seu primeiro pé no Brasil em 2010, quando lançou, com a Companhia das Letras, o selo Penguin-Companhia. Em dezembro de 2011, aportou de vez por

aqui ao comprar 45% das ações da Companhia das Letras. Já o grupo Pearson, dono da Penguin, chegou antes e atuava no mercado de livros didáticos por meio do sistema de ensino SEB.

Para Luiz Schwarcz, fundador e hoje sócio da Companhia das Letras – a família Moreira Salles tam-



Mercado. A Penguin Books, do grupo Pearson, era a quarta maior editora do mundo

bém tem uma cota –, nada muda para a editora brasileira por enquanto. Ele acredita que mesmo após a fusão cada empresa deve manter a sua cultura e a sua forma de trabalhar. “Elas se manterão independentes, dando continuidade aos projetos e parcerias internacionais que possuem”, diz.

A Companhia das Letras deve se beneficiar da fusão. “Mas isso ainda não está claro e nem deve ter sido discutido. Precisamos esperar um pouco mais para saber exatamente o que vai acontecer

em relação à Companhia.”

Saída. No mesmo dia em que sua sócia inicia a caminhada para formar a maior editora de livros do mundo, duas das mais antigas profissionais da casa de Luiz Schwarcz pediram para sair. Maria Emília Bender, na empresa desde sua fundação, há 26 anos, era diretora editorial e saiu em abril ou maio. A editora Marta Garcia deixa a empresa em dezembro, depois de 23 anos. As duas eram colegas de Schwarcz na Brasiliense,

de onde ele saiu para abrir sua própria editora.

Segundo o editor, os pedidos de demissão não têm relação com o anúncio de ontem. “Foi uma escolha das duas e foi apenas uma coincidência de momento. Essas mudanças internas já estavam sendo planejadas há um tempo”, conta.

O editor Otávio Marques da Costa, na empresa há quatro anos, assume a função de publisher do selo Companhia das Letras. Julia Schwarcz, 12 anos de casa, cuida dos demais selos.